

## Mediação no ensino das artes visuais em espaços urbanos: experiência na mostra *Cidade não Vista* - 8ª Bienal do Mercosul

Andressa Argenta<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Maria

**Resumo:** Este texto tece algumas considerações a partir da pesquisa de monografia elaborado para conclusão do Curso de Artes Visuais - Licenciatura Plena em Desenho e Plástica na Universidade Federal de Santa Maria em. Esta pesquisa foi elaborada a partir de mediações experienciadas na mostra *Cidade Não Vista* da 8ª Bienal de Artes Visuais Do Mercosul *Ensaio da Geopoética*, que aconteceu entre o mês de setembro e novembro de 2011. Essas mediações ocorreram em variados espaços urbanos, portanto, acrescentam outras perspectivas ao ensino da arte. As ferramentas e estratégias para as mediações, foram elaboradas com base em abordagens teóricas do ensino da arte, em especial a abordagem da educação da cultura visual e conceitos oriundos da arte urbana. Com estas reflexões sobre as mediações vivenciadas na 8ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul foi possível perceber como se estabeleceram estratégias de ação, aprendizados na prática educativa com a arte a partir de experiências em espaços expositivos diferenciados e ambientes públicos, tecendo possíveis contribuições para o ensino da arte.

**Palavras-chave:** Educação; Artes Visuais; mediação.

*O narrador conta o que ele extrai da experiência –  
sua própria ou aquela contada por outros.  
E de volta, ele a torna experiência daqueles que  
ouvem sua história.  
Walter Benjamin*

Para delinear a reflexão sobre as mediações no ensino das artes visuais ocorridas em espaços urbanos, com a experiência na mostra *Cidade Não Vista*, elaborei algumas considerações de início, para analisar desde as primeiras inquietações, que surgiram antes das mediações começarem, em contraponto com as últimas vivências.

Tenho a educação da cultura visual como universo de referência, a aprendizagem como transformação por meio da experiência como dispositivo da ativação dos sentidos; olhar como instrumento de conhecimentos e um lugar por meio do qual se inicia a fala, as problematizações como processos de desconstrução e re colocação do sujeito.

Esses conceitos atuam como estratégias para a mediação no ensino da arte, ajudam a pensar formas de mediação que permitem negociar saberes e olhares, trabalhar consensos e conflitos. O mediador não está no meio, no 'entre', ele potencializa essas desconstruções com os sujeitos aproximando-o com a arte.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Artes Visuais - Desenho e Plástica, Graduanda em Bacharelado em Artes Visuais - Desenho em Plástica, ambas na Universidade Federal de Santa Maria.

Esta pesquisa procurou evidenciar a mediação sob uma perspectiva diferente, a mediação em um espaço urbano, um pratica diferenciada em suas ações e estratégias, pois o espaço da mostra Cidade não Vista foi ativada por nove obras no centro de Porto Alegre, onde para encontra-las era preciso caminhar pelo espaço da cidade. A arte urbana coloca o sujeito em uma posição diferente do seu cotidiano, mas como potencializar essa experiência? Este foi o grande desafio que encontrei nas mediações realizadas nesta mostra, encontrar dispositivos para pensar o ensino das artes em um outro processo que se diferencia dos formais.

### **Do fim para o início**

Uma das ferramentas de minha pesquisa para reflexão foi o diário, onde minhas inquietações eram expressas com palavras, símbolos, signos, imagens, em linhas, nas bordas, no meio, entre pensamentos lineares e confusos, na tentativa de dar conta de tudo o que eu via, experimentava e vivenciava. Essas reverberações, nem sempre diárias, agregavam além de questões que me incomodavam, as mediações que, entremeio a isso, aconteciam. Faço um recorte do diário para colocar experiências na mediação, que somavam a cada dia para encontrar estes dispositivos, pois segundo Oliveira (2009, p. 220):

O diário compartilhado exterioriza a prática do professor em formação inicial, deixa de ser um segredo. E no momento em que esta prática é discutida pelo grupo, ela é ressignificada. Sofre um processo de desindividualização ou de coletivização.

Meu diário tornou-se uma fonte de pesquisa, uma vez que pesquisar significa construir novas interpretações, apontar hipóteses e faz perceber os acontecimentos que se desenrolam durante as experiências vividas.

Percebi inúmeras formas de mediar, (re) posicionamentos, abordagens, modo de falar, de estar com os grupos, lugares fechados, abertos, obras diferentes,... *“se eu estivesse sempre no mesmo espaço seria o público a diferença e as coisas que trazem consigo. Mas estar no espaço urbano possibilita que cada momento seja diferente, pois a cidade se transforma, a cada momento esta acontecendo algo diferente. Dentro de um espaço fechado é possível controlar a atenção, mas na rua não. Pergunto: como fazer as mediações? Pensar nos sujeitos, na qualidade da mediação levando em conta coisas básicas de percurso, tempo, obras, mas não colocar isso o foco, como o tempo? Cuidar estas questões? Como fazer isso?”* (11/09/2011)

Vejo a Cultura visual como um lugar que se habita espaços que percorremos, as redes de convivência trazem algumas janelas no olhar. *“O momento em que o mediador propõe esta desconstrução, o faz através de ações que propiciam ativar percepções, De que forma o discurso e o trajeto escolhido vai se estabelecer? Não basta só a história do lugar, tem que ir além, que exercícios podem ser feitos para este percurso cotidiano ter algum efeito em um simples passeio? Durante os percursos, o mediador não é o centro das informações, mas quem costura a conversa do visto e não visto e acionar dispositivos para se pensar este trajeto com cuidado”*.

Cada mediação era um percurso diferente, mesmo que sem mudar o trajeto, mesmo que caminhando pelas mesmas ruas, pelos mesmos lugares, pelos mesmos espaços físicos. Os sujeitos que caminhavam e ocupavam o espaço, a luz, os sons, os acontecimentos da cidade eram diferentes.

Nesses processos de mediação, a relação com o outro foi, além de muito significativa, importante para encontrar brechas para o ensino da arte nas mediações no espaço urbano. Prestar atenção no que o sujeito quer, no seu contexto, nas vivências, tornam-se base para o diálogo fluir e o sujeito ter meios de aproximação com as obras de arte. Essa atenção e troca com o outro possibilita as aprendizagens, como Paulo freire aponta, aprende-se com o outro; o outro também nos ensina.

É através do diálogo que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do que educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta mesma maneira o educador já não é o que apenas educa, é educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos. (FREIRE, 1987 p.28)

Em muitos momentos com a interação com os sujeitos, aprendi com o diálogo. As lendas e histórias das ruas e lugares da cidade de Porto Alegre, significados e valores dados pelos moradores para os lugares, o que aconteceu naquele espaço específico durante as transformações da cidade. Memórias de cada pessoa que somaram as minhas experiências, sem mesmo muitas vezes eu ter experimentado, simplesmente pelo fato de ouvir e interpretar as narrativas. Essas conversas atuaram como fio condutor para aproximar as pessoas com a obra de arte e/ou lugar que se encontrava tal obra/percurso. Discursos foram inventados e reinventados pelas memórias, somados às experiências. Cada palavra dita, cada olhar sobre a cidade, por mais distinta que fosse ao meu, somaram para minha

interpretação e ativação dos sentidos e também para os outros através das minhas narrativas.

Um vocabulário compartilhado é desenvolvido pelos indivíduos dos grupos, as pessoas reagem às ideias uma das outras e ao comentá-las, o diálogo expande a experiência que cada um tem com o objeto/obra/espço é movida por um senso de descoberta.

### **Possibilidades sensitivas**

Os sons participam desse processo numa confirmação de que superamos a época da divisão das artes em obras do tempo e em obras do espaço. Objetos sonoros e vídeos objetos trazem em si uma alma pulsante, perceptível pelos sentidos além da visão. A redutibilidade da visão, com sua capacidade de inserir qualquer objeto ou imagem do mundo num contexto, além de óbvia, é clara e ainda configuradora. Já a audição e o tato são mais amplos, pois são menos explorados: conhecer pelo toque e pela audição remete, evidentemente, à visão, mas a uma visão evocadora, mais aberta aos sonhos, à imaginação, às possibilidades.<sup>2</sup> (Paulo Gomes sobre 'VIDE' exposição de Eny Schuch)

As palavras de Paulo Gomes vão ao encontro de meu pensamento, quanto à *cidade não vista*, pois a maioria das obras eram sonoras e propõe a experiência com o tato e os diversos espaços, abertas a possibilidades de imaginação e criação. A medida em que conversamos com as pessoas, temos trocas, e são nesses momentos que se desdobram outras ferramentas e estratégias para mediação. É através da experiência que nos dá possibilidade da reflexão e da soma, da multiplicação para dividir com os outros.

As obras, vistas nessa perspectiva, são diferentes de outros espaços expositivos, podemos tocar, interagir, sentir, experienciar e vivenciar, sem saber quando e onde se inicia ou termina uma obra, ou uma simples paisagem da cidade, como um grande rizoma a céu aberto, que entretetece saberes, informações, obras, espectadores e integradores.

Penso a educação a partir da experiência/sentido que Larrosa Bondia (2002 p.21) nos fala.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa o que acontece ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porem, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

---

<sup>2</sup> Parte da crítica de Paulo Gomes sobre a Exposição VIDE da artista Eny Schuch, exposta no Museu do trabalho na cidade de Porto Alegre em 2011.

Bondia faz referência à experiência, do ambiente, do sentir, dos objetos ao nosso redor. A experiência não é o que acontece, mas o que *nos* acontece, podemos viver a mesma situação, mas a experiência se dá de forma diferente para cada indivíduo. Todas as pessoas que presenciaram os processos de mediação durante a 8ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul foram diferentes, cada qual com suas particularidades; da mesma forma que minha presença e atuação foi resinificada de formas distintas, dependendo de cada pessoa e da relação que se deu com elas. Dessa forma, afirmo que, com a imersão na Cultura Visual, derivei sobre as inúmeras possibilidades e percursos que apareceram. Quando uso o termo 'dar-se tempo', refiro-me à demora, ao demoramento. Percebi que o aprendizado se dá pelo processo da experiência. Esta experiência aliada ao demoramento possibilita o confronto e a reflexão.

Através disso, coloco que o dar-se tempo foi de suma importância. Para na posição de educadora, ao ouvir e ter a sensibilidade de saber vivenciar as mediações de maneira a aprender com cada uma, de usar situações como exemplo para outras, de estarem atentas às emergências cotidianas colocadas ao espaço urbano. Dar tempo para experimentar formas distintas de falar, perceber, contar, caminhar e aprender.

### **Algumas considerações**

Neste breve relato sobre minha pesquisa de mediação no ensino das artes visuais em espaço urbano, a partir na mostra *cidade não vista*, não houve espaço para contar todos os percursos, histórias, oficinas, descobertas, questões que me fizeram refletir sobre a minha prática educativa. As reflexões sobre as vivências na mostra *Cidade Não Vista*, durante a 8ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, ocorreram de variadas formas, se entrecruzaram, descobri inúmeras entradas e saídas, de forma rizomática, onde um ponto depende do outro.

A mediação na *Cidade Não Vista* possibilitou a experiência do ensino da arte, de modo não formal, em um espaço urbano, onde precisava-se criar estratégias de ações para deambular pela cidade. Encontrar através de conceitos e práticas maneiras de (re)significar o olhar sobre a cidade e sobre o próprio sujeito. Desconstruir os vícios do cotidiano, propondo outras maneiras de olhar e de ser olhado.

Penso a mediação como um processo estendido, onde o mediador cria formas de experimentar propostas de aprendizagem, contribuindo assim para a renovação e transformação do olhar, do fazer e interpretar. Não penso esta pesquisa como ponto fixo, mas em um fluxo, do que foi todo este aprendizado.

## Referências

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs). *Arte/Educação como mediação cultural e social* – São Paulo: Ed UNESP, 2009

BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp. 20-28. ISSN 1413-2478.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

HELGUERA, Pablo. (Org). *Caderno de Mediadores*. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011. 118 p

MARTINS, Raimundo e Irene Tourinho (orgs). *Educação na Cultura Visual, narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009. 272 p.

\_\_\_\_\_, Raimundo e Irene Tourinho (orgs). *Educação na Cultura Visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011. 232 p.

MAYER, Melinda M. *Conversas interessantes em museus de arte, in* HELGUERA, Pablo. (Org). *Caderno de Mediadores*. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011. P 19-23

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. O papel da Cultura Visual na formação inicial em Artes Visuais, *in* MARTINS, Raimundo e Irene Tourinho (orgs). *Educação na Cultura Visual, narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009. 272 p.